

FONTES DE INFORMAÇÃO EM COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE AS FONTES UNITIZADAS NA ELABORAÇÃO DO JORNAL BOCA DE RUA¹

Patrícia de Souza Sarmiento
patriciasarmiento@msn.com

Resumo

Vistos pela sociedade de forma estigmatizada, as pessoas que vivem em situação de rua comumente são retratadas pelas grandes mídias como pessoas “loucas”, “sujas”, “perigosas”, entre outros adjetivos. O jornal Boca de Rua é um veículo de comunicação comunitária onde os moradores de rua da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, tem oportunidade de expressar suas opiniões e expor suas idéias para o restante da sociedade ao contribuírem de forma efetiva com a elaboração de matérias. Este trabalho teve por objetivo identificar quais as fontes de informação utilizadas por estas pessoas ao coletar os dados que serão utilizados na elaboração das matérias do jornal. Para coleta de dados optou-se pela metodologia do grupo focal possibilitando identificar de que forma a informação vem sendo capturada por esse grupo.

Palavras-chave: Fontes de Informação. Informação Social. Comunicação Comunitária. *Street Paper*. Jornal Boca de Rua.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, orientado pelo Prof. Fabiano Couto Correa, em outubro de 2011.

INTRODUÇÃO

A multidisciplinaridade da ciência da informação possibilita que sejam realizados estudos integrando as mais diversas áreas do conhecimento, ao se relacionar com a sociologia e a antropologia abre-se um espaço para que se faça um estudo da informação em uma abordagem cultural e social.

Essas abordagens possibilitam que se realizem estudos relacionados a diversos grupos sociais, alguns destes vistos pela sociedade de forma estigmatizada, como o caso dos moradores de rua, que apesar de estarem presentes no cotidiano da população, muitas vezes são ignoradas pela mesma.

Os moradores de rua estão presentes não só nas grandes cidades brasileiras, todos nós em certo momento já nos deparamos com a figura de um morador de rua em meio as nossas atividades corriqueiras. Mattos (2004, p.47) destaca que:

[...] se refletirmos sobre a qualidade destas interações, observaremos que comumente nós as olhamos amedrontados ou com uma expressão de constrangimento. Alguns as vêem como pessoas perigosas e apressam o passo. Outros logo as consideram vagabundas e que ali estão por não quererem trabalhar, olhando-as com hostilidade. Muitos atravessam a rua com receio de serem abordados por pedido de esmola, ou mesmo por pré-conceberem que são pessoas sujas e mal cheirosas. Há também aqueles que delas sentem pena e olham-nas com comoção ou piedade.

Observa-se assim que há uma visão pejorativa das pessoas que estão nessa situação, “[...] às representações sociais sobre as pessoas em situação de rua reforçam a construção de identidades articuladas com valores negativamente afirmados.” (MATTOS, 2004, p.49).

Os meios de comunicação têm um papel importante na hora da distribuição das representações sociais, o que acaba prejudicando grupos que não estão tão aptos a controlar suas representações. Para Alles (2010, p.69), “As coberturas jornalísticas que tematizam os grupos estigmatizados costumam se concentrar nos aspectos excepcionais, especialmente nos fatos relacionados à violência.”

A comunicação comunitária é um meio encontrado por parte da população menos favorecida onde podem expressar suas opiniões e interesses e ainda relatar problemas enfrentados dentro de determinado grupo e que normalmente não encontram espaço onde possam ser expostos nos outros meios de comunicação tradicionais.

Segundo Deliberador & Vieira (2005, p.8 *apud* Peruzzo, 2006, p.9) comunicação comunitária caracteriza-se por um:

[...] canal de expressão de uma comunidade (independente do seu nível socioeconômico e território), por meio dos qual os próprios indivíduos possam manifestar seus interesses comuns e suas necessidades mais urgentes. De ser um instrumento de prestação de serviços e formação do cidadão, sempre com a preocupação de estar em sintonia com os temas da realidade local.

Através dos meios de comunicação comunitária, muitos grupos conseguem se manifestar relatando e abordando questões do seu cotidiano, tendo grande importância ao cooperar nos interesses e lutas principalmente de grupos que são estigmatizados pela sociedade.

Existem muitas iniciativas de meios comunicação que envolvem pessoas que vivem em situação de rua, todas com características distintas, mas que promovem principalmente a ocupação e a geração de renda para essa população. Como o caso dos *street papers*, tipo de publicação do gênero que foi utilizada neste trabalho. *Street papers* é movimento mundial de publicações de rua que são comercializadas por moradores de rua que surgiu em 1989 nos EUA na cidade de Nova York com a revista *Street News* e que ganhou força em 1991 quando começou a circular em Londres a *The Big Issue*. Hoje existem 112 periódicos do gênero espalhadas por 40 países em todos os continentes que são afiliadas à *International Network of Street Paper (INSP)*², organização que oferece apoio para manutenção e surgimento de novos empreendimentos que tenham essa proposta.

A maioria dessas publicações aborda assuntos relacionados ao cotidiano das pessoas em situação de rua, onde são apresentados seus hábitos, desejos e problemas, levantando questões como a falta de moradia e direito à cidadania. O principal objetivo desse movimento é fazer com que haja uma interação entre os vendedores e compradores dos *street papers*, permitindo que os moradores de rua reconstruam vínculos sociais e retornem, de forma independente, projetos de vida por meio de um trabalho remunerado.

² Disponível em: <<http://www.street-papers.org/>> Acesso em: 18 Abr. 2011

Atualmente o Brasil possui três publicações desse gênero, o jornal *Boca de Rua*³ em Porto Alegre, a revista *Ocas*⁴ no eixo São Paulo – Rio de Janeiro e o jornal *Aurora da Rua*⁵ em Salvador.

O Boca de Rua é uma publicação impressa trimestral produzida e vendida por pessoas que estão em situação de rua na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. É um dos projetos da organização não-governamental da Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação (ALICE)⁶.

Constitui-se o objetivo desse artigo, portanto apresentar uma síntese da investigação que culminou na identificação das principais fontes de informação utilizadas por pessoas em situação de rua que colaboram com a elaboração do *street paper* Boca de Rua. A condução metodológica deste trabalho foi realizada através de um estudo de campo, onde foram feitas observações e coletas de dados referentes ao processo de produção do jornal, além da utilização da técnica de pesquisa de grupo focal, que consiste na reunião de um grupo, onde é realizada a introdução de um questionamento específico, abrindo um espaço para discussões e debates entre os participantes.

INFORMAÇÃO SOCIAL E POPULAÇÃO DE RUA

Baseando no que é definido por Erving Goffman (1988) como *informação social*, para Ferreira (2009, p.36), essa modalidade de informação corresponde ao:

[...] conjunto de signos verbais e não verbais comunicados acidental ou intencionalmente, total ou parcialmente nas interações entre os indivíduos. Fundamentalmente ela representa aquilo que indivíduo representa de si e impressiona o outro.

"Muitas são as fontes de informação social, sendo a mais relevante o próprio sujeito, que por meio de expressões corporais, atitudes, modo de vestir e aparência física está a falar de si, mesmo que de maneira imperceptível." (FERREIRA, 2009, p.39)

³ Disponível em: <<http://bocaderuanainternet.blogspot.com/>> Acesso em: 13 Abr. 2011

⁴ Disponível em: <<http://www.ocas.org.br/>> Acesso em: 13 Abr. 2011

⁵ Disponível em: <<http://www.auroradarua.org.br/>> Acesso em: 16 Abr. 2011

⁶ ALICE, organização não governamental responsável pelo projeto jornal Boca de Rua. Disponível em: <<http://www.alice.org.br/>> Acesso em: 16 Abr. 2011

Ao relacionar esse tipo de informação com o que é transmitido por pessoas em situação de rua para a sociedade, pode-se observar, que esse grupo é visto por grande parte da população de forma estigmatizada.

Compreende-se estigma como sendo um “atributo profundamente depreciativo, uma categorização social que desqualifica pessoas ou grupos, desabilitando-os para um convívio social pleno” (GALINKIN, 2003, p.158)

A população de rua é vista com desprezo e de forma preconceituosa pela sociedade, sendo rotuladas como pessoas sujas, violentas, perigosa, entre outras várias associações pejorativas, o que acaba fazendo com que se tenha um isolamento comunicacional por parte desse grupo.

O estigma, mais que um atributo, acaba se tornando mais uma forma de linguagem, onde as características que depreciam alguém podem confirmar a normalidade de outro, fazendo com que se criem “justificativas” para hierarquias, inclusões e exclusões sociais. (GOFFMAN, 1988)

MÍDIA E POPULAÇÃO DE RUA

A mídia tem um papel fundamental dentro da sociedade ao levar informações para grande massa, o que acaba tornando-a responsável em parte por formar opiniões e oficializar a não aceitação da população de rua, evidenciando um suposto perigo que estes representariam a todos.

Se pararmos para refletir sobre a forma que os moradores de rua são vistos por grande parte da sociedade, poderemos constatar que de modo geral são consideradas pessoas que agem contra a moral dos cidadãos, sendo cada vez mais empurrados para as margens da sociedade. De acordo com Mattos & Ferreira (2004, p.2):

[...] alguns as vêem como perigosas, apressam o passo. Outros logo as consideram vagabundas e que ali estão por não quererem trabalhar, olhando-as com hostilidade. Muitos atravessam a rua com receio de serem abordados por pedido de esmola, ou mesmo por pré-conceberem que são pessoas sujas e mal cheirosas. Há também aqueles que delas sentem pena e olham-nas com comoção ou piedade. Enfim, é comum negligenciarmos involuntariamente o contato com elas. Habitados com suas presenças, parece que estamos dessensibilizados em relação à sua condição (sub) humana. Em atitude mais violenta, alguns chegam a xingá-las e até mesmo agredi-las ou queimá-las, como em alguns lamentáveis casos noticiados pela imprensa.

Mas de que outra forma um grupo que é excluído pela sociedade, que vive em condições precárias, onde seus indivíduos são representados como sujeitos, doentes, criminosos, viciados e perigosos pela visão social seria tratado pela mídia?

Os moradores de rua comumente são representados nos meios de comunicação, como bêbados e criminosos. De acordo com um estudo realizado por Almeida (2011, p. 99):

[...] pôde-se também encontrar o indivíduo que mora na rua como sujeito, drogado e doente mental, características essenciais para o afastamento desta pessoa da condição de ser humano. Na condição de sub-humano, o morador de rua é destituído dos elementos básicos para viver a cidadania. Perde seus direitos sociais e a própria dignidade.

Isso não significa que a questão social seja ignorada pela mídia, mas os moradores de rua não são considerados como fontes, do modo que suas versões justificativas e reivindicações não são escutadas.

Para Almeida (2011, p. 99) “O morador de rua está à margem não só da sociedade e das instituições que a compõem, como também da imprensa”.

PAPEL DA COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

Os meios de comunicação comunitários que são independentes, produzidos pela própria comunidade e inseridos na sociedade civil, têm um papel específico e crucial na habilitação do acesso e participação de todos na sociedade da informação, principalmente para as comunidades mais pobres e marginalizadas. Eles estão mais facilmente ao alcance do povo, se comparados a grande mídia.

São esses meios de comunicação que mais potencializam a participação direta do cidadão na esfera comunicacional. Primeiro porque se situam no ambiente onde as pessoas vivem, conhecem a localização e podem se aproximar mais facilmente. Processo que é facilitado quando a comunicação se realiza a partir de organizações dos quais o cidadão participa diretamente ou é atingido por suas ações. Segundo porque se trata de uma comunicação de proximidade. Ela tem como fonte a realidade e os acontecimentos da própria localidade, além de dirigir-se às pessoas da “comunidade”, o que permite construir identificações culturais. (PERUZZO, 2002, p.11)

[...] a comunicação comunitária se caracteriza por processos de comunicação baseados em princípios públicos, tais como não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população, ter propriedade coletiva e difundir conteúdos com a finalidade de educação, cultura e ampliação da cidadania. (PERUZZO, 2004, P.9)

Os jornais comunitários possibilitam que a realidade de muitos grupos seja compartilhada com o restante da sociedade, por meio destes podem ser relevados problemas e visões a partir de um ângulo pessoal, que o que normalmente não aconteceria através das grandes mídias.

Segundo Callado & Estrada (1986, p.8):

A função do jornal comunitário transcende o caráter da informação, tornando-se um instrumento de mobilização que estabelece a verdadeira comunicação entre os membros da comunidade, o debate de seus problemas e a participação de todos nas soluções a serem dadas.

JORNAL BOCA DE RUA

O Jornal Boca de Rua surgiu em agosto de 2000, na cidade de Porto Alegre, pela iniciativa das jornalistas Clarinha Glock e Rosina Duarte.

Segundo Clarinha Glock em uma entrevista realizada em 2007, o projeto tem como objetivo:

[...] abrir um canal de comunicação entre a sociedade em geral e os moradores de rua, já que estes só costumam ser retratados pelos meios de comunicação nas páginas policiais ou em algumas reportagens sobre saúde. O jornal Boca de Rua proporciona um canal de voz para pessoas marginalizadas pela sociedade e que não encontravam espaços para se expressar. Ele utiliza a comunicação como um meio de incentivar a auto-estima e instigar o debate da população de rua sobre direitos do cidadão, formas de organização e alternativas de renda. (ALLES, 2007, p.20)

Cada edição do jornal (IMAGEM 1) possui uma tiragem de oito mil exemplares por trimestre, impressos com o apoio da Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, vinculado ao grupo de comunicação RBS (Rede Brasil Sul). Estes são vendidos pelos 35 integrantes atualmente inscritos no projeto, cada integrante recebe semanalmente uma quantia que varia de 35 a 45 jornais que são vendidos pelo valor de 1,00 R\$ cada, valor integralmente revestida aos próprios vendedores. A entrega dos jornais é realizada durante reuniões que ocorrem todas as segundas-feiras na sede do Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS – GAPA⁷. Todos os exemplares após recebidos devem ser identificados com o nome do vendedor na capa, como uma forma de controle (IMAGEM 2). É também durante essas reuniões que os moradores de rua que

⁷ GAPA, Grupo de Apoio a Prevenção da AIDS, localizado na Rua Luiz Afonso, 234, Cidade Baixa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

contribuem com o Boca de Rua têm contato direto com seu processo de produção, são eles que elaboram as matérias, escolhem as pautas e aprovam o jornal.



IMAGEM 1: Capa de um dos exemplares do Jornal Boca de Rua
Fonte: A autora



IMAGEM 2: Integrante do projeto identificando os exemplares que recebe semanalmente
Fonte: A autora

Todo processo de produção é mediado por um grupo de coordenadores chamado Rede Boca, atualmente contando com cinco integrantes. São discutidos os temas que serão matéria do jornal, e em qual edição vai constar, após são criados grupos de acordo com cada matéria e nesses grupos são divididas as tarefas que cada um terá como quem vai tirar as fotos, se é necessário realizar alguma entrevista e quais lugares são necessários ir para conseguir informações (IMAGEM 3).



IMAGEM 3: Pequeno grupo discutindo sobre a elaboração das matérias
Fonte: A autora

O jornal Boca de Rua é caracterizado como um jornal comunitário, pois de acordo com Alles (2007, p. 15), exerce um papel de “[...] veículo de comunicação popular que se diferencia dos jornais de grande ou médio porte por estabelecer um fórum de diálogo e exposição de idéias dentro um grupo.”

É comum encontrar nas grandes mídias pessoas em situação de rua sendo retratados de forma estigmatizada, onde são considerados, entre outros adjetivos, como pessoas “sujas”, “loucas” e “perigosas”.

Através do jornal, é possível ampliar o alcance, a conscientização e principalmente, possibilitar uma maior efetividade no contato entre o morador de rua e a sociedade.

Ele [o jornal] revela a realidade de pessoas em situação de rua através das palavras deles. Em uma tentativa de modificar a visão da sociedade, ao mostrar os hábitos, problemas e desejos dos moradores de rua, se pretende levar os leitores a refletirem sobre uma realidade diversa, que não aparece nos veículos de grande mídia. É um espaço pra que os integrantes do jornal rompam com preconceitos. (ALLES, 2007, p.17)

METODOLOGIA E RESULTADOS

Foram realizadas duas visitas ao GAPA, local onde são realizadas as reuniões semanais com o grupo participante do projeto.

Na primeira visita realizada no dia 16 de maio de 2011, pode-se observar parte do processo de produção do jornal, aspectos como a escolha e elaboração das matérias e a divisão de grupos e tarefas.

Após observações feitas ao grupo considerou-se que poderia haver a possibilidade de constrangimento por parte dos integrantes do grupo quanto à metodologia de coleta de dados ser realizada através de questionários, por se tratar de

um grupo onde nem todos tiveram oportunidade de freqüentar alguma instituição de ensino, optando-se por uma coleta de dados realizada forma oral e coletiva, para que não houvesse distinção e uma maior integração entre as respostas.

A metodologia aplicada na pesquisa foi realizada através de Grupos Focais. Segundo Rodrigues (1988, *apud* Neto, 1988, p. 4) Grupo Focal é “uma forma rápida, fácil e prática de pôr-se em contato com a população que se deseja investigar”; Gomes e Barbosa (1999) acrescentam que “[...] o Grupo Focal é um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade”; por sua vez, Krueger (1996) descreve-o como “[...] pessoas reunidas em uma série de grupos que possuem determinadas características e que produzem dados qualitativos sobre uma discussão focalizada”.

Dentro das pesquisas sociais, a utilização desse método tem como objetivo central a identificação de sentimentos, percepções, atitudes e idéias dos participantes do grupo a respeito de determinado assunto. Para Neto, (1988, p. 6) “[...] as informações geradas pelo grupo criam uma maior diversidade e profundidade de respostas”.

Sob este contexto, o Grupo Focal pode ser definido como uma técnica de pesquisa na qual o pesquisador reúne em um mesmo local uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte de um grupo, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico, tendo como principal característica o fato de se trabalhar com a reflexão expressa através da fala dos participantes, permitindo que eles apresentem, simultaneamente e sem individualização, suas respostas sobre determinado assunto.

A segunda visita deu-se no dia 26 de setembro de 2011. Após serem discutidos os assuntos pertinentes a elaboração do jornal, uma das coordenadoras abriu espaço para que fosse feita uma breve apresentação da pesquisa aos 13 integrantes do projeto presentes na determinada data, onde se detalhou os objetivos, qual relevância e a forma de ser realizada, além de apresentar o significado do conceito de o que é “fonte de informação”.

Algumas das definições utilizadas para apresentar esse conceito foram baseadas nas visões de Stevenson (1997), que afirma que são “[...] qualquer livro, documento, base de dados ou pessoas que forneça informação.”, segundo a visão de Arruda & Chagas (2002), “As fontes de informação designam todos os tipos de meios (suportes) que contém informações suscetíveis de serem comunicadas.”, Ferreira (2004) as define como “[...] qualquer pessoa, documento, organismo ou instituição que transmite

informações [...]” e Medeiros (2006) ao afirmar que são as “[...] fontes pela qual se obtém a informação desejada. ’

De acordo com o que foi proposto no projeto, o objetivo principal foi de identificar quais fontes de informação utilizadas pelos moradores de rua que colaboram com a elaboração das matérias. Para isso foram realizadas duas perguntas principais que poderiam ser respondidas por qualquer membro do grupo e discutidas entre todos para que se houvesse um consenso e complementos na hora de se obter as respostas.

Pergunta 1	Pergunta 2
Quais tipos de fontes vocês mais utilizam para conseguir as informações que serão utilizadas na elaboração das matérias dos jornais?	Em que locais vocês geralmente entram em contato com essas fontes?

Para formulação de um resultado, foram feitas análises de todas as respostas, as frases que estão grifadas são falas diretas dos integrantes do grupo.

Para pergunta número 1, chegou-se ao resultado de que os membros do projeto recolhem suas informações principalmente a partir de conversas com outras pessoas que vivem nas ruas enquanto estão em albergues ou nas Casas de Convivência. *“Às vezes a gente tá na fila da Casa de Convivência e surge um assunto que aconteceu com um camarada...”* e também por experiências vivenciadas por eles ou por conhecidos. *“Nós somos da rua, conhecemos as coisas da rua mesmo.”*

Ao serem questionados se não tinham contato com nenhum outro meio de comunicação como televisão, rádio ou jornais, as respostas obtidas foram a respeito das dificuldades de acesso as mesmas. O que conseqüentemente levou as respostas da pergunta número 2. *“A gente não tem casa, não tem como ficar vendo TV nem rádio, a gente conversa e vê as coisas mesmo...”*. Vale destacar que em nenhum momento foi referido a falta total de acesso.

“Lê até a gente lê, mais é muito difícil...”

As principais dificuldades mencionadas foi a de falta de moradia e distância para se chegar aos locais onde se tem acesso a esses meios. Com relação aos jornais, revistas e livros, as respostas foram de que conseguem com outros moradores, ou encontram em lugares de circulação pública.

“Sempre tem um ou outro que consegue daí a gente pega emprestado...”

“Às vezes a gente tá catando papel e encontra um jornal no lixo ou no banco da praça...”

As Casas de Convivência⁸ foram mencionadas diversas vezes pelos integrantes do grupo, podendo ser destacada por ter um papel importante no cotidiano dessas pessoas, além de ser um local onde eles entram em contato com os outros moradores de rua proporcionando trocas de informações, além de possuírem bibliotecas, onde tem acesso a jornais e livros.

“Tem as bibliotecas das Casas de Convivência, sempre tem jornal, ou então na Casa de Cultura Mario Quintana⁹...”

“Na Casa de Convivência tem TV, mas quando tá ligada sempre tem filme passando, tem vezes que passa o dia inteiro só filme...”

Outras questões importantes mencionadas por eles durante a coleta de dados foi quanto à importância da participação no processo de produção do jornal, de acordo com eles o fato de fazer parte deste grupo, possibilitou que houvesse uma visão mais crítica dos fatos que ocorrem no seu cotidiano, modificando a forma com que observam e se posicionam diante dos acontecimentos, além do respeito e reconhecimento que passaram a ter não somente entre eles e as outras pessoas que vivem nas mesmas condições, como também da sociedade de forma geral.

Todas as informações recolhidas durante as observações retiradas das visitas feitas ao GAPA identificaram somente os passos iniciais que são realizados hora de se obter as informações utilizadas na elaboração das matérias do jornal. Após a troca de informações realizadas internamente, os integrantes do projeto passam a assumir uma postura jornalística, onde fazem entrevistas e registram imagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A multidisciplinaridade da Ciência da Informação permite com que se realizem pesquisas relacionadas à informação nas perspectivas de várias disciplinas, neste caso específico relacionando-a com a antropologia e a sociologia.

⁸ Casas de Convivência são espaços destinados a população de rua, onde podem satisfazer suas necessidades básicas, como higiene e alimentação.

⁹ Casa de Cultura Mario Quintana, é uma instituição ligada à Secretaria de Estado da Cultura do rio Grande do Sul, onde se possui espaços voltados para o cinema, música, artes visuais, danças, teatro, literatura e realização de oficinas e eventos ligados a cultura. Disponível em: <<http://www.ccmq.com.br>> Acesso em: 27 Set. 2011

Estando a margem da sociedade, os moradores de rua não possuem muitas oportunidades de se expressar nas grandes mídias, normalmente eles são utilizados como fonte de informação para matérias que acabam intensificando a forma estigmatizada que são vistos pela sociedade.

Os meios de comunicação comunitária acabam abrindo as portas para que eles possam transmitir informações sobre a sua realidade. O jornal Boca de Rua então se torna um importante veículo onde podem expressar suas opiniões, passando assim a ter oportunidade de serem “vistos” e “ouvidos”.

O estudo realizado com este grupo foi relevante no sentido de compreender como a informação vem sendo capturada no seu cotidiano, já que a partir do momento que estão envolvidos no processo de elaboração do jornal, passam a ser produtores e divulgadores de informação e conhecimento.

SOURCES D'INFORMATION DE COMMUNICATION EN COMMUNAUTÉ: UNE ENQUÊTE DE LA SOURCE UNITISÉS LA PREPARATION DE LA JOURNAL BOCA DE RUA

Résumé

Vu tellement stigmatisées par la société, les personnes vivant dans les rues sont habituellement dépeint par les grands médias comme le gens “fous”, “sale”, “dangereux”, entre autres adjectifs. Le journal Boca de Rua est un véhicule pour la communauté de communication où les sans-abri de la ville de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a l'occasion d'exprimer leurs opinions et leurs idées au reste de la société à contribuer efficacement au développement des sujets. Cette étude visait à identifier les sources d'information utilisées par ces personnes pour recueillir des données qui seront utilisées dans la préparation des matériaux du quotidien. Pour la collecte des données, nous avons choisi de concentrer méthodologie de groupe permettant de déterminer comment l'information est captée par ce groupe.

Mots clés: Sources d'information. Informations Sociales. Communication de la Communauté. *Street Paper*. Journal Boca de Rua.

REFERÊNCIAS

ALLES, Natália Ledur. **A Voz dos integrantes do jornal Boca de Rua: uma prática de uma comunicação comunitária.** Porto Alegre: PUC-RS, 2007

ALLES, Natália Ledur. **Boca de Rua: representações sociais sobre população de rua em um jornal comunitário.** Porto Alegre: PUC-RS, 2010

ALMEIDA, Delano Augusto Corrêa de. Morador de rua: da questão social a questão midiática. **Puçá: Revista de Comunicação e Cultura na Amazônia.** Belém, v. 1, n1. p. 77- 102, jan./jun. 2011 Disponível em:<
<http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/puca/article/view/95/92>> Acesso em: 11 set. 2011

ARRUDA, Suzana Margaret de; CHAGAS, Joseane. **Glossário de biblioteconomia e ciências afins.** Florianópolis: Cidade Futura, 2002. p. 99.

ATEM, Guilherme Nery. Mídia e individuação semioestética. **Em Questão,** Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 135-147, jul./dez. 2010

BARDIN, Laurence. **Análise do conteúdo.** Lisboa: Loyola, 2010.

BOAS, Franz. **Antropologia cultural.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRAGA, Kátia Soares. **Aspectos relevantes para seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciência da informação.** In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Métodos para pesquisa em Ciência da Informação. Brasília: Thesaurus, 2007

CALLADO, Ana Arruda; ESTRADA, Maria Ignez Duque. **Como se faz um jornal comunitário.** Petrópolis: Vozes, 1986.

CAMARA, Guilherme Dornelas. **A práxis no jornal Boca de Rua: de gente invisível a questionadores do mundo.** Porto Alegre: UFRGS, 2008. Disponível em:
<<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/28484>> Acesso em: 17 abr.2011

CAMPOS, Celso Pedro. **História do jornalismo comunitário.** São Paulo: [s.d.] UNESP, Disponível em:
<<http://webmail.faac.unesp.br/~pcampos/HISTORIA%20DO%20JORNALISMO%20COMUNITARIO.htm>> Acesso em: 17 abr. 2011

CANALLI, Mônia. **Dez anos do jornal Boca de Rua: as representações sociais de não vitimação.** Porto Alegre: UFRGS, 2010. Disponível em: <
<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/28068>> Acesso em: 13 jul. 2011

FERREIRA, Alessandro José Padin. **A comunicação presencial de sem-tetos na cidade de São Paulo**: a produção e distribuição da Revista Ocas. São Paulo: PUC, 2007. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=66254> Acesso em: 18 abr. 2011

FERREIRA, Rubens da Silva. A informação social no corpo travesti (Belém, Pará): uma análise sob a perspectiva de Erving Goffman. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 2, p. 35-45, maio/ago. 2009

GALINKIN, Ana Lúcia. Estigma, território e organização social. **Espaço & Geografia**, Brasília, v.16, n. 2, p. 151-179. 2003. Disponível em: <<http://repositorio.bce.unb.br/handle/10482/6081>> Acesso em: 30 ago. 2011

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas**: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988

GOMES, Maria Elasir. BARBOSA, Eduardo. **A técnica de grupos focais para obtenção de dados qualitativos**. Publicação interna; 1999. Disponível em: <http://www.tecnologiaprojetos.com.br/banco_objetos/%7B9FEA090E-98E9-49D2-A638-6D3922787D19%7D_Tecnica%20de%20Grupos%20Focais%20pdf.pdf> Acesso em: 27 set. 2011

HADDAD, Julio César Mansur. **Street paper**: comunicação e inclusão social. São Paulo: FCL, 2007. Disponível em: <<http://www.facasper.com.br/pesquisas/pesquisa/index.php/street-papers:-comunicacao-e-inclusao-social,34.html>> Acesso em: 22 jul. 2011

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005

INTERNATIONAL NETWORK OF STREET PAPERS. **Our Street Papers**. Disponível em: <<http://www.street-papers.org/our-street-papers>> Acesso em: 18 abr 2011

KRUEGER, Richard. **Focus Groups**: A Practical Guide for Applied Research. London: Sage Publications, 1996. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/44005306/Grupo-Focal>> Acesso em: 21 abr. 2011

MATTOS, Ricardo Mendes; FERREIRA, Ricardo Franklin. Quem vocês pensam que (elas) são?: representações sobre as pessoas em situação de rua. **Revista Psicologia & Sociedade**; v.16, n.2, p. 47-58, maio/ago.2004

MEDEIROS, Marisa Bräscher Basílio. **Fonte de informação**. Disponível em: <http://www.cid.unb.br/123/M0011000.asp?txtID_PRINCIPAL=123>. Acesso em: 21 abr. 2011

MIZOGUSHI, Danishi Hausen; COSTA, Luis Artur; MADEIRA, Manoel Luce. Sujeitos no sumidouro: a experiência de criação e resistência do jornal Boca de Rua. **Revista Psicologia & Sociedade**; v.19, n.1, p. 38-44, jan/abr. 2007

NETO, Otávio Cruz. **Grupos focais e pesquisa social qualitativa**: o debate orientado como teste de investigação. In: XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 4. 2002. Ouro Preto. Anais eletrônicos... Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_JUV_PO27_Neto_texto.pdf> Acesso em: 23 abr. 2011.

NEUMANN, Laurício. **Educação e comunicação alternativa**. Petrópolis: Vozes, 1991. PERUZZO. Cicilia Maria Krohling. **Revisando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária**. Brasília: INTERCON; 2006. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/19806/1/Cicilia+Peruzzo+.pdf%3E>> Acesso em: 18 abr.2011

_____. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania**. Disponível em:< http://www.portalgens.com.br/comcom/direito_a_comcom.pdf> Acesso em: 15 abr. 2011

STEVENSON, Janet. **Dictionary of library and information management**. [S. l.]: Peter Collin Publishing, 1997. p.71.

TAVEIRA, José Carlos; ALMEIDA, Regina Stela Andreoli de. **O morador de rua de Campo Grande**: condições de vida. Campo Grande: UCDB, 2002.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa; BEZERRA, Eneida Maria Ramos; ROSA, Cleisa Moreno Maffei (Orgs.). **População de rua**: quem é, como vive, como é vista. São Paulo: HUCITEC,1992.

ZEN, Ana Maria Dalla. **Introdução à prática da pesquisa**. Porto Alegre: FABICO, 1999